

# Economia

Marcelo Andrade/Gazeta do Povo



ANÁLISE

## Entrevista: "Situação lembra a crise do desemprego do fim dos anos 90"

Economista Marcelo Neri, da FGV, analisa o mercado de trabalho e os efeitos do desemprego sobre a renda

04/03/2016 | 18h59 | [Guido Orgjs](#) Marcelo Neri, pesquisador da FGV  
Texto publicado na edição impressa de 05 de março de 2016

Após uma passagem pelo governo federal, onde ocupou a presidência do Ipea e a chefia da Secretaria de Assuntos Estratégicos, o economista e pesquisador da Fundação Getúlio Vargas Marcelo Neri está aos poucos reorganizando o trabalho que o credenciou como um dos maiores especialistas em distribuição de renda no país. Na última semana, ele esteve em Curitiba para dar uma palestra a convite da UniBrasil sobre crescimento inclusivo. Em entrevista à **Gazeta do Povo**, ele avalia que a crise chegou ao emprego, mas ainda não está claro seu efeito sobre a distribuição de renda.

**O país está em recessão desde 2014, mas o mercado de trabalho demorou para enfraquecer. É sinal de que ele pode passar bem pela crise?**

Há um paradoxo no país, com a macroeconomia andando de lado desde 2011 e o mercado de trabalho e a renda das pessoas ainda crescendo por um tempo. É um processo que vem de antes. Em dez anos o PIB per capita cresceu 30% e a renda média cresceu 60%. E isso continuou depois de 2011. Mesmo em 2014, que foi um período crítico para a economia, os

resultados foram surpreendentes, a desigualdade caiu, a renda cresceu 3,3%. A crise entrou pesada mesmo a partir de 2015, com a estagflação. Se você pegar a PME, pesquisa que é feita em seis regiões metropolitanas, há uma queda muito grande do emprego. O que gera outro paradoxo quando você vê a Pnad, que é nacional. Ela mostrava ainda uma resiliência do mercado de trabalho até agosto do ano passado, com a massa salarial constante. A partir daí houve deterioração, mas até novembro foi uma queda de 1,7% da massa salarial, o que não é muito.

“ Até 2013, 58 milhões de pessoas entraram nas classes A, B e C, movimento que continuou em 2014. Parte disso está sendo devolvido.

Marcelo Neri, economista

### **Mas a tendência é de queda?**

A imagem que tenho é que estamos na beira do precipício, agarrados a uma corda. Nas áreas metropolitanas, temo que já tenhamos caído no precipício. A crise remete um pouco ao fim dos anos 90, que ficou conhecida como a crise do desemprego metropolitano. Se você olhar nas metrópoles, de 1996 a 1999 houve uma queda na renda do trabalho de 4,5% ao ano e a renda total no resto do país ficou constante. Acho que em 2015 sem dúvida a

crise chegou ao bolso do brasileiro, mas ainda sem aumento da desigualdade. Por sinal, a PME mostra mais perdedores entre pessoas de mais educação. Entre 2003 e 2014, a cena brasileira era de renda crescendo em grupos como mulheres, jovens, moradores do nordeste, informais. Era um processo de redução da desigualdade forte.

### **Nos anos 90, houve uma queda de rendimento acentuada. É um cenário que pode se repetir?**

Pode acontecer. Tivemos até 2014 dez anos com três forças básicas. Crescimento da renda das pessoas acima do PIB, redução da desigualdade, que vem desde 2001, e a estabilidade, que foi o grande ganho do Plano Real. Estamos perdendo o crescimento da renda das pessoas e temos maior instabilidade.

### **Mas a renda não podia crescer por muito tempo acima do PIB.**

A renda vinha crescendo com ganhos pequenos de produtividade. O Brasil surpreendia por isso. Em 1980, o Brasil tinha a mesma produtividade da Coreia e hoje tem um terço da produtividade coreana. Até 2011 o descompasso é explicado em parte porque existe um deflator para o PIB e outro para a renda, que é a inflação. Mas depois de 2011 há um descolamento maior.

### **O crescimento da classe C está ameaçado pela crise, ou será só um solavanco?**

O risco de reversão existe, mas, para minha surpresa, as pessoas não caíram do despenhadeiro como eu imaginava. Até 2013, 58 milhões de pessoas entraram nas classes A, B e C, movimento que continuou em 2014. Parte disso está sendo devolvido. Agora, reduzir o nível de vida é o mais difícil. Imagine para quem antes não comia carne e passou a comer três vezes por semana. É muito difícil voltar à situação de não comer carne.

### **A desigualdade ainda não inverteu a tendência de queda. Continuam de pé os fatores**

**para ela cair?**

Não sou muito positivo para a queda da desigualdade daqui para a frente por duas razões. A primeira é que ela caiu em toda a América Latina. O Brasil não inventou a roda, colheu a melhora na escolaridade e dos programas focados, como o Bolsa Família. E na região, a desigualdade parou de cair. Além disso, a queda da desigualdade tem de ser uma demanda ativa e eu não percebo que há uma demanda da sociedade. Se a desigualdade caiu, é porque houve uma demanda da sociedade para isso. Para acontecer de novo, tem de ser uma opção renovada.